

# A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirige todos os pedidos de assinaturas e matrículas  
endereçando ao Proprietário, M. DAVID CORAZZI, 42, RUE  
de Mademoiselle, Lissabon, ou ao seu agente, o En. JOSÉ DE  
MELLO, 38, rue du Quai-de-la-Tour, Rio de Janeiro.  
Prix de assinatura é de 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 19

PARIS 5 DE OUTUBRO DE 1890

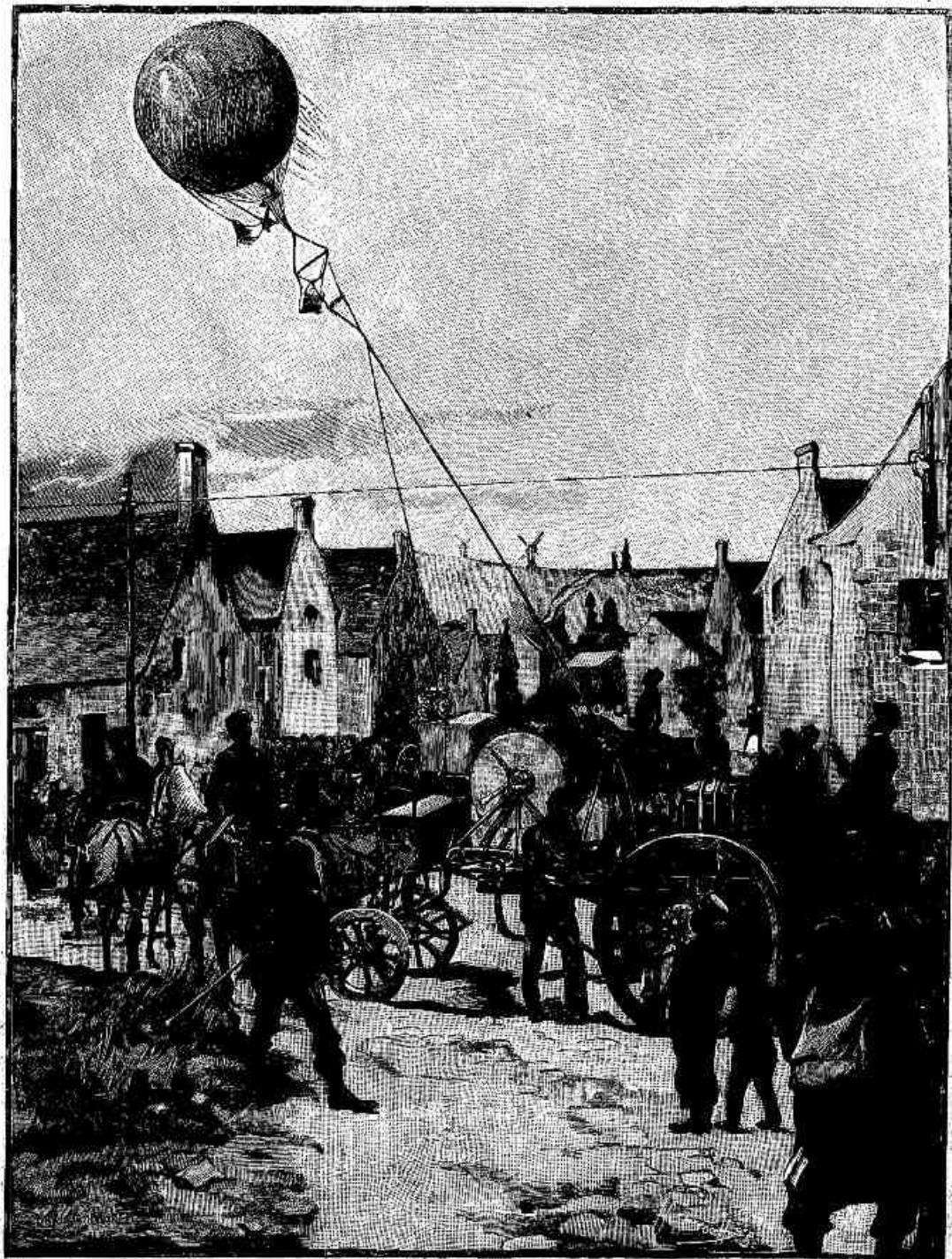
Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

PORUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS :

ANNO.....	2.400 REIS
REVENUS.....	1.200 —
THIEMERAS.....	600 —
AVULSO.....	100 —



AS GRANDES MANOBRAS DO EXÉRCITO FRANCEZ. — O EMPREGO DOS BALÓNS.



# CHRONICA

## APROPOSITO DO TESTAMENTO

**A**LGUMAS das causas do descredito a que chegou a Política no nosso paiz, e do descontentamento que lava por toda a parte, são os expedientes odiosos e arbitriosos de que se servem os governos, para servir os seus amigos ou para exercer as suas vinganças políticas.

Entre esses expedientes, com certeza o mais indecoroso, o mais improprio d'um paiz que se diz liberal e que se afirma de ter uma justiça, o que mais corrompe e mais desprestigia as instituições, quasesquer que elas sejam, — é esse vergonhoso expediente que se chama em calão político o *testamento*, e que serve para os ministros demissionários fazerem despachos injustos e immorais que não ousariam defender no parlamento, de tal modo elles offendem o sentimento público.

Ahi está uma parte do mal que nos devora, e das imprudências ministeriais que são a causa da anarchia que hoje reina em Portugal.

Se as instituições se sentem abaladas, a culpa é de todos quantos tecem abusado das prerrogativas ministeriais, e se as instituições se sentem em desacordo com a opinião do paiz, os responsáveis d'esse terrível conflito são todos aqueles que no poder procederam como alguns dos ministros regeneradores que ha pouco fizem o seu *testamento político*.

Vejamos os factos:

Porque cahio o ministerio presidido pelo señor Antonio de Serpa?...

Porque collocou o Estado n'uma desgraçada situação financeira com o malogro do empréstimo de Paris; — porque offendeu as tradições liberais com a ridícula ditadura contra a liberdade de imprensa, de reunião e de associação; e principalmente porque desejava fazer um tratado com a Inglaterra no qual as nossas colónias d'Africa passavam a viver sob o regimen do protectorado, alienando Portugal todos os seus direitos e primazias a territórios cuja posse nenhuma potencia pôz jámais em dúvida.

N'estas condições o gabinete Serpa Pimentel teve de pedir a sua demissão, não diante d'um voto de desconfiança das Camaras, por que ali a maioria era do governo, — mas diante das críticas da imprensa progressista e republicana, e dos protestos de toda a nação.

Esse gabinete cahio, por ter dado suficientes provas de incapacidade para gerir os negócios do Estado. Esse gabinete cahio, porque a sua incapacidade nos podia arrastar á vergonha d'uma tutela inglesa.

E que vemos em seguida à demissão do gabinete?...

Vemos os ministros demissionários, em quanto se não fôrma novo gabinete, passarem os dias e as noites nomeando dezenas de amigos e corregidórios para lugares para os quais esses individuos não deram nenhuma prova publica da sua competencia!

Mas em nome de que moral, em nome de que direito, foram feitas semelhantes nomeações e semelhantes despachos?

Que razões ha para justificar que ministros demissionários por incapacidade provada, podem

dispôr dos lugares do Estado, sem prévio concurso, em beneficio dos seus amigos?...

Mas o que vem a ser n'este caso o Estado, a administração publica? Um quintal, uma hora, de que dispõem os politicos, para com ella beneficiarem os seus afilhados?...

Toda a gente anda para ali a gritar que o paiz está perdido, que Portugal é um paiz morto, porque ha falta de talentos, de estudistas, porque não temos à mão nem um Bismarck, nem um Salisburi.

Do que nós temos falta é de bom-senso e de moralidade, de quem saiba marchar por caminho direito, e não pelos caminhos duvidosos e tortuosos em que andamos metidos ha muito anno. E que Deus nos livre dos *talentos* e mais dos *estadistas*!

Não tinha tanto *talento* o sr. Franco Castello Branco e mais o sr. João Arroyo? E o que fizeram esses famosos *talentos* durante nove meses de governo?... Onde deixaram o signal d'uma ideia, d'um projecto ou d'um programma?

Não tinha tanto *talento* o sr. Lopo Vaz, *talento* que todos apregoavam com admiração e assombro? E o que sucedeu?... Passou o seu tempo a annual o sr. Hintze Ribeiro, imaginando que depois de ter enterrado o ministro dos extrangeiros, o paiz se voltava para elle como para um salvador da patria!...

Não eram tão apregoados *estadistas* o señor Hintze Ribeiro e mais o sr. Barjona de Freitas? E não os vemos naufragarem tristemente n'um tratado em que ficam para sempre comprometida a vida e a honra de Portugal?...

O mal não está na falta de *talentos*, nem na falta de *estadistas*. O verdadeiro mal está na falta de bom-senso e de moralidade.

O *testamento* do ministerio regenerador é a triste prova de que alguns dos homens que o compunham, ou não tinham moralidade, ou não tinham bom-senso.

Como é possível merecerem a confiança do paiz, aquelles que n'uma hora tão angustiosa para a nação portuguesa, passaram o tempo despachando os afilhados para lugares rendosos, ou demitindo uma camara municipal porque era composta de *progressistas*!

Isto talvez para os politicos não tenha uma grande importância; mas revolta e offende a opinião publica! E é com expedientes tão desmoralizadores que os partidos se desacreditam e as instituições descem na consideração da gente sensata...

E preciso que os politicos comprehendam que o paiz está farto de homens que só vão ao poder para satisfazerem os apetites do seu partido.

A nação portuguesa está atravessando uma crise gravíssima, e todos quantos amam a sua patria estão alerta para opporem a mais decidida resistência a tudo quanto seja governar d'antiga que consistia em fazer empresários e em empregar os corregidórios.

Hoje temos diante de nós um gravíssimo problema financeiro a resolver, mais um gravíssimo problema colonial, sem contar as reformas internas que é urgente fazer. Temos um organismo de guerra, e não temos exercito; temos um orçamento de marinha, e não temos navios; temos um orçamento da instrução publica, e não temos instrução!

Todo esse dinheiro que todos os annos figura no orçamento do Estado, desaparece... Para onde vai? onde se gosta?... Nós ordenados com os funcionários publicos?...

Que a triste queda do gabinete regenerador possa servir de exemplo e de lição aos homens que hoje foram chamados para o poder e para os que de futuro para ali fôrem.

E preciso que se competentrem bem d'uma causa — que hoje em Portugal a vida dos ministérios não depende da atitude do Parlamento

to, mas sim da *Opinião-publica*, representada pela imprensa.

O gabinete Serpa Pimentel não foi vencido pela camara, mas sim pelos jornais, — por esses mesmos jornais que elle julgava ter amordilhado com as leis da ditadura...

Isto é mais uma prova de descredito ou da fraqueza do parlamentarismo, ou antes d'essa fiação parlamentar que existe em Portugal.

Tratem pois de governar d'outro modo e de pôr de parte os velhos expedientes e as velhas tricas políticas e parlamentares.

Aliás o descontentamento irá lavrando por todo o paiz, ao descontentamento seguir-se-ha a anarchia, e só Deus sabe onde tudo isso que para ali ha irá parar, arrastando na sua queda, não diria a nossa honra, mas talvez a nossa independência!

MARIANO PINA.

## BEIJO ETERNO

Quero um beijo sem fim,  
Que dure a vida intorta e aplique o meu desejo!

Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo!

Beija-me assim!

O ouvido fecha ao rumor

Do mundo, e beija-me, querida!

Vive só para mim, só para a minha vida,

Só para o meu amor!

Fóra, reponse em paz

Dormida em calmo sono a calma Natureza,

On se debata, das tormentas presa,

Beija, iuda mais!

E, enquanto o brando calor

Sinto em meu seio de tui seio,

Nossas bocas febris se uniu com o mesmo ancelo,

Com o mesmo ardente amor!

Suceda a treva d'luiz!

Vele a noite de crepa a curva do horizonte;

Em reos de opala a madrugada aponte

Nos céos aqües,

E Venus, como uma flor,

Brilhe, a sorris, do Ocússio à porta, importa?

Brilhe à porta do Oriente! A treva e a luiz — que

Só nos importa o amor!

Radié o sol na verda!

Venha o Outono! do Hyverno os frigidos vapores

Toldem o céu! das aves e das flores

Venha a estação!

Que nos importa o esplendor

Da primavera, e o firmamento — vento?

Limpio, e o sol scintillante, e a neve, e a chuva, e o

Reijemo-nos, amor!

Beijemo-nos! que o mar

Nossos beijos onvinda, em pásio a voz levante!

E cante o sol a ave deserte e cante!

Cante o liur,

Chio de um novo fulgor!

Cante a amplidão! cante a floresta!

E a Natureza toda, em delirante festal!

Cante, cante esse amor!

Rasgue-se, a noite, o vêo

Das neblinas, e o vêo inquirá o monte e o valle:

— Quem canta assim? — E uma aurea estrela.

Do alto do céo

Ao mar, presa de pavor:

— Que agitação enorme é aquela? —

E o mar adoe a voz, e a curiosa estrella

Responda que é o amor.

E a ave, ao sol da manhã,

Tambem, a ave vibrando, d'estrel a que palpita

Responda, ao vel-a desmaiada e afflicta:

— Que beijo, iurm!

— Pudesse ver como que ardor

Elles se beijam loucamente!

E inveje-nos a estrella... e apague o sol dormente,

Morta, morta de amor!...

Diz tua boca: « Vem! — »

— Inda mais! — diz a minha, a soluçar... Exclama

Todo o meu corpo que o teu corpo chama:

— Morde tambem! —

Ali morde! que doce é a dor

Que me entra as carnes, e as tortura!

Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura,

Morto por teu amor!

Quero um beijo sem fim,

Que dure a vida intera e aplique o meu desejo!

Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo!

Beija-me assim!

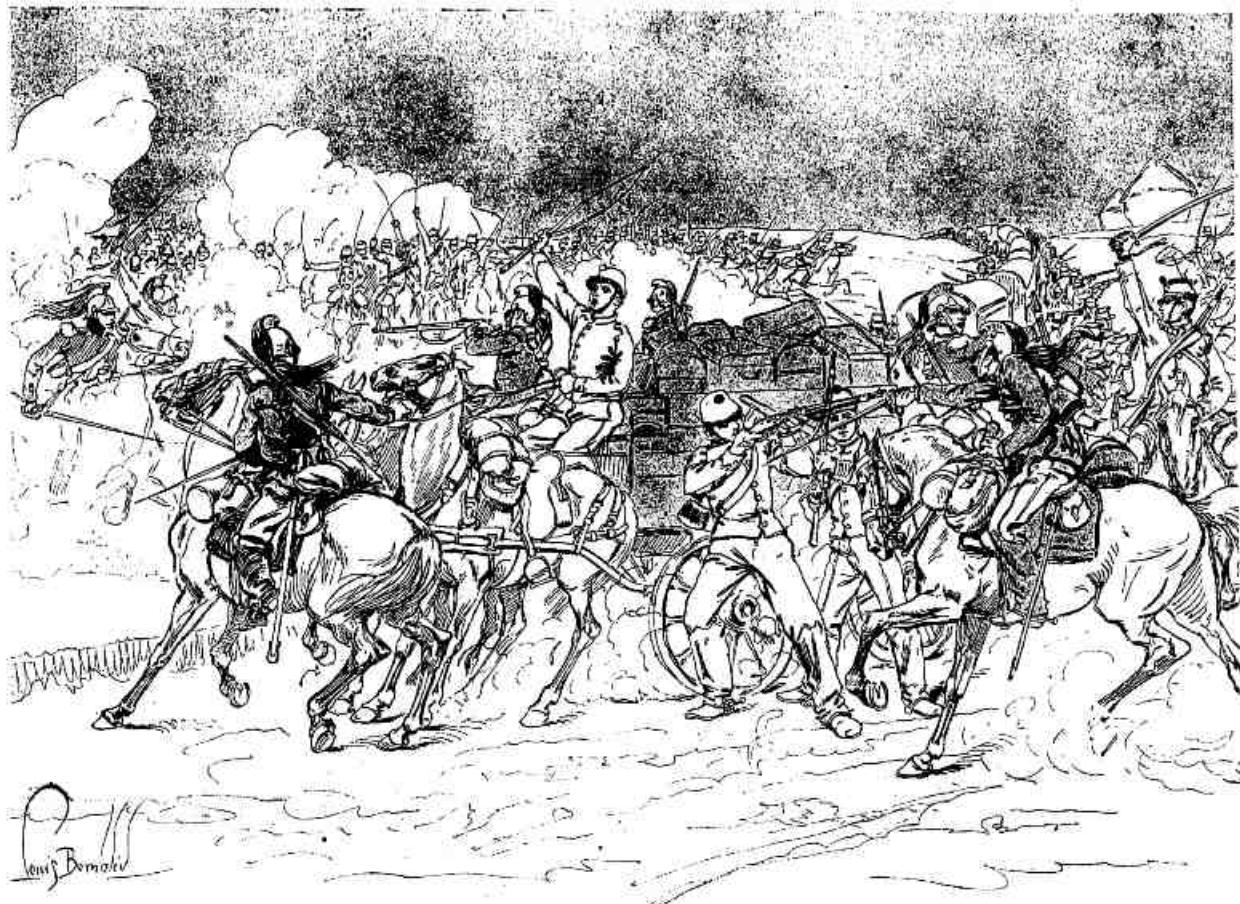
O ouvido fecha ao rumor

Do mundo, e beija-me, querida!

Vive só para mim, só para a minha vida,

Só para o meu amor!

OLAVO BILAC.



TONADA D'UM CONDOYO POR UMA DIVISÃO DE CAVALLARIA INDEPENDENTE.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### AS MANOBRAS DO EXÉRCITO FRANCEZ

Consagramos uma parte do presente número da ILLUSTRAÇÃO às grandes manobras do exército francês realizadas no mês findo, e que tão falladas tem sido na imprensa europeia.



COMBATE DE SÉBONCOURT. — EMPREGO DA POLVORA SEM FUMO.

Para não entrar em detalhes técnicos destas manobras que tiveram lugar no norte de França, detalhes que exigiriam muito espaço e que só seriam apreciados por um pequeno número de leitores, limitamo-nos a fazer alguns comentários para ilustração dos curiosos desenhos que hoje publicamos.

Na aldeia de Solesmes, situada ao noroeste de Cambrai, achavam-se os carros da companhia dos aerostatos militares do capitão Aaron.

Ali se achavam enfileirados oito grandes carros trazendo cada um oito reservatórios cilíndricos de aço, e contendo o gás hidrogenio necessário para encher o balão.

As experiências começaram no dia 2 de setembro. Ao comando do capitão Aaron, os reservatórios abriram-se, e o gás em menos de meia hora encheu o aerostato que é de seda da China e mede 540 metros cúbicos.

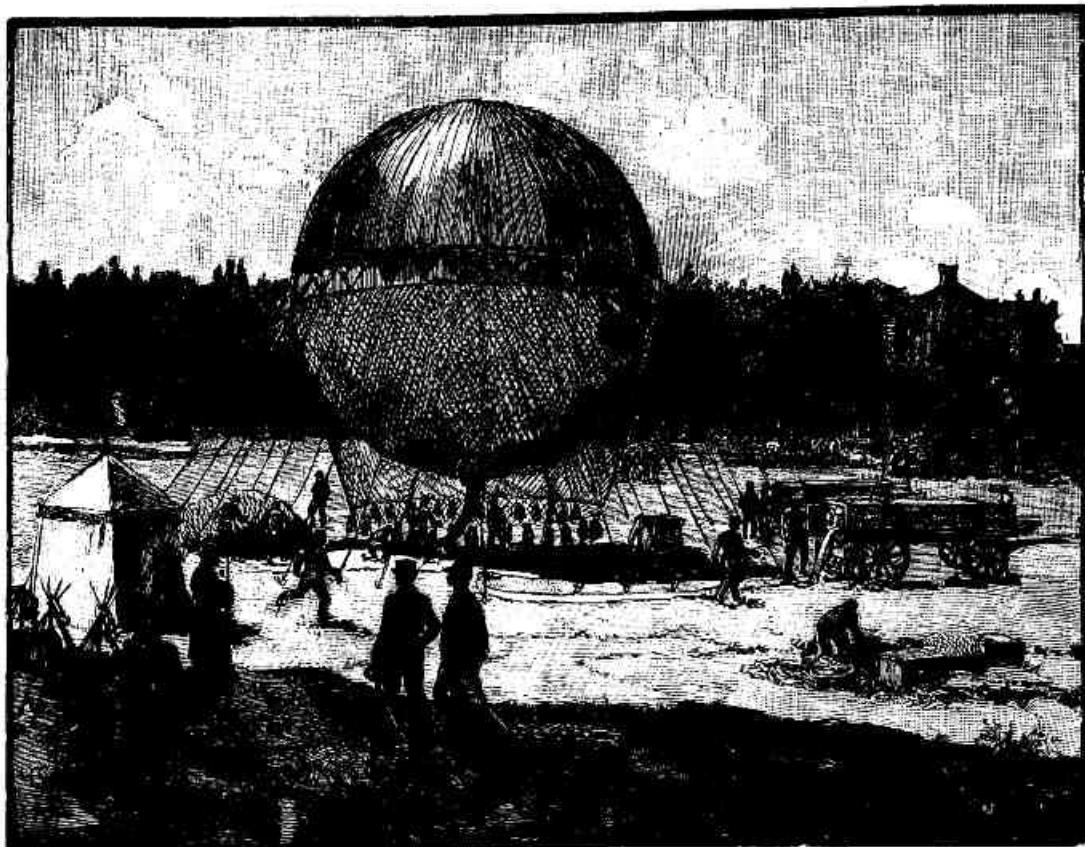
Quando o balão se ergueu a uma certa altura, a brigada dos aerostatas tratou de ligar à base a barquinha de verga que mede 1:50 de cada lado, tendo dentro duas dobradiças onde se sentam dois oficiais encarregados das observações, aparelhos, cartas e um telephone, cujo fio se enrola a um dos cabos que servem para amarrar o balão aos carros.

Quando o balão está pronto para subir, o machinista faz andar uma máquina a vapor, o cilindro do carro começa a desenrolar o cabo, e o aerostato eleva-se a uma altura de 80 metros, conservando-se sempre a esta altura.

O capitão Aaron grita:

— Ordinário, marche!

E a carruagem, tirada por seis vigorosos cavalos, montados por treze condutores de utileria, põe-se a caminho, conduzindo o balão para os pontos onde a observação seja mais necessária.



UM BALÃO CHEIO PUR MEIO DAS CARRUAGENS-RESERVATÓRIOS COM HIDROGÉNIO.



AS GRANDES MANOBRAS DO EXÉRCITO FRANÇA. — OS ABDOS MILITARES ESTRANGEIROS ASSISTINDO ÀS MANOBRAS.

Como vêem os bôacos estão ocupando um lugar importante no exercito franco, proporcionando estudos estratégicos de grande alcance.

A gravura da nossa primeira pagina representa a campanha dos acrostatas obrigando um bôaco a vencer um obstáculo. O obstáculo é um fio telegrafico impossível de cortar. Tratase pois de descer o bôaco, fazendo-o passar por debaixo do fio.

Outra gravura representa a tomada d'um combiço de vivens e munícios pela divisão Bonic e de trez esquadrões de caçadores a cavalo que, tendo querido defender as duas baterias a cavalo de artilharia 25, foram envolvidos pelos dragões e feitos prisioneiros.

N'este caso, os caçadores não tendo previamente reconhecido o terreno, chegaram a uma ribanceira por onde rolaram quinze cavalos com os seus cavaleiros.

No dia 12 de setembro as tropas posaram-se em marcha para irrompem ocupar uma linha de posição do Seboncourt a Aisonville.

Ali empenhou-se um verdadeiro combate entre o 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> corpos de que da ideia a nossa gravura.

A estas manobras assistiram os addidos militares dos diferentes países e muitos oficiais vindos a França expressamente para esse fim. Portugal

achavam-se representados pelo seu addido militar sr. Visconde de Pernes.

Imprensa francesa notou cuidadosamente o fato das oficiais alemães haverem aplaudido o desfile da cavalaria francoza.

As grandes manobras de 1890 foram particularmente interessantes pela vastidão do programma e o grande numero de homens que n'elas tomaram parte. Geralmente um só corpo do exercito efectuava as grandes manobras, uma das suas brigadas figurando o inimigo; mas este anno dois corpos inteiros combatiam um contra o outro, nas planícies arboradas da Sambr e do Oise.

O 1.<sup>o</sup> corpo, general Fodillon, e o 2.<sup>o</sup> corpo, general de Cools, meteram em linha perto de Gosselies. Foi a primeira vez que em França se reuniram tantos soldados na mesma região.

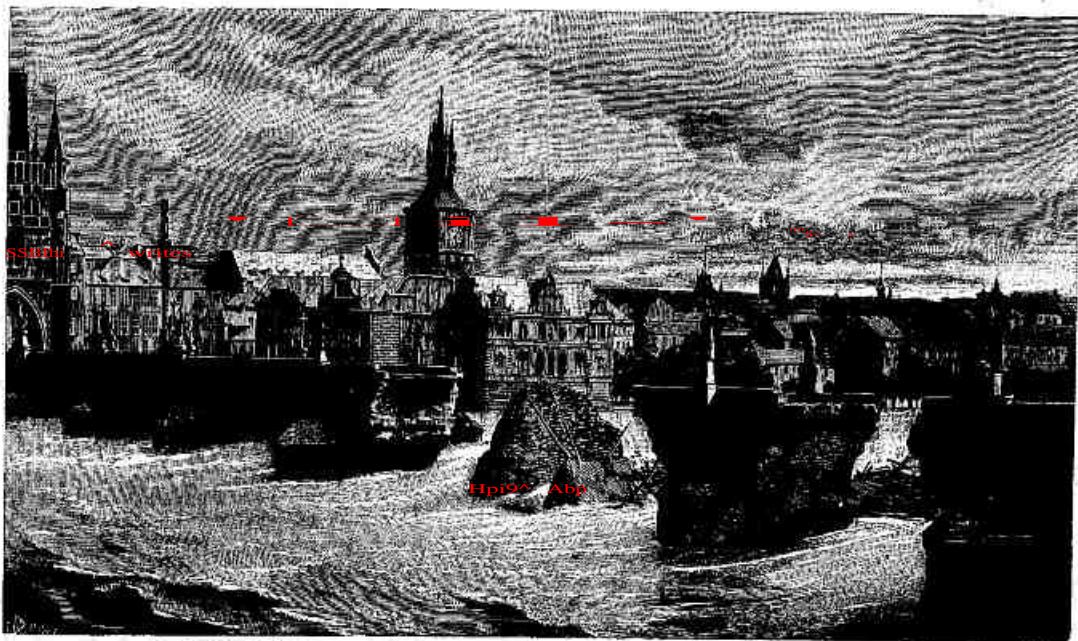
Em todo o caso a França ainda está abaixo da Rússia que mobilizou este anno seis corpos de exercito, formando um conjunto de 180000 homens, que manobraram no sul do imperio.

O imperador da Alemanha tentou em vão ser convidado para estes exercícios; mas teve que se contentar com os espetaculos militares de pura forma, uns quais assistiu em Narva.

Ainda uma outra gravura representa um regimento de ca-



APROPOSITO DO BOULANGISMO. — A senhora duquesa d'Uzès.



AS INUNDACOES EM PRAGA. — As ruínas da famosa ponte de pedra o Karlsbrücke.

gadores a cavalo que poude, graças a um nevoeiro, aproximar-se d'uma bateria d'artilharia e atacá-la vivamente. Os artilheiros defendiram bravamente as suas peças contra a cavalaria ligera.

As vantagens da polvora som fumo ainda d'esta vez não mostraram a sua grande utilidade.

E' a invenção da moda. Os especialistas são geralmente partidários da sua adopção, preconizando a dificuldade que teria o inimigo em reconhecer o local da artilharia, que só o fumo revelava. Não se deve contar com as detonações, por que o ouvido o mais adestrado não pode determinar exactamente donde vem o ruído d'um tiro de peça, que também pode ser repercutido pelo céu.

Alguns velhos oficiais preferem a antiga polvora. Dizem que as nuvens de fumo errando pelos campos, permitem ocultar ao inimigo os movimentos efectuados para o atacar. O argumento tem seu valor, e tanto assim é, que um coronel inglês acabou de inventar uma polvora especial, dando um fumo excessivo. Os soldados munir-se-iam d'alguns pacotes d'esta composição e, a um sinal dado, envolver-se-iam de nuvens espessas para ocultar ao inimigo uma enorme porção de terreno.

#### A SENHORA DUQUEZA D'UZÉS.

Tem-se fallado muito, n'estes últimos tempos, no nome da sr. duquesa d'Uzés, a propósito da famosa aventura política que teve por herói infeliz, o general Boulanger.

Os artigos do *Figaro* intitulados *Les coulisses du boulangisme* vieram mostrar os misterios da aventura boulangista, que teria triunfado completamente em França se o general Boulanger não tivesse praticado o grande erro de fugir para Bruxelas quando soube que o governo, é especialmente o ministro do interior, sr. Constant, o desejava prender e meter em processo.

Quem deu as maiores sombras para a campanha eleitoral de Boulanger foi a sr. duquesa d'Uzés. O conde de Dillon é que aproximou o general da illustre dama do faubourg Saint-Germain. O general prometeu, ou prometeu Dillon, que o boulangismo preparava o terreno para a monarquia em França; e a sr. duquesa d'Uzés devolveu-lhe sua fortuna uma somma de trez milhões de francos, ou seja, 540 contos, para as despesas eleitorais do Boulanger, isto em nome da causa monárquica e para bem da campanha orleanista.

A duquesa d'Uzés é considerada como a rainha das amazonas da nobreza francesa.

A duquesa d'Uzés, née Marie-Adrienne-Anne de Mortiercourt, casou em 1867 com Amable-Antoine-Jacques-Emmanuel de Crussol d'Uzés. Ficou viúva em 1882.

D'este casamento nasceram dois filhos e duas filhas. Uma d'estas *Mlle d'Uzés* casou-hu pouco com o duque de Luynes, o amigo e o companheiro do duque d'Orléans.

A casa de Crussol é originária do Languedoc; primitivamente tinha o nome de Baster. Geraud de Baster, primeiro senhor de Crussol, que viveu no anno 1200, é o antepassado d'esta casa.

Pelos fins do século XV, Jacques, senhor de Crussol, casou com Simone, filha unica do visconde d'Uzés, a qual lhe trouxe em dote o viscondado d'Uzés.

Como veem a casa de Crussol d'Uzés é das mais nobres e das mais antigas de França. A duquesa d'Uzés, se a monarquia triunfasse, seria a grande dame da rainha de França. Foi o seu amor à monarquia que a levou a gastar 540 contos numa aventura política que cabio no mais triste desredo. Dir-se-ia que n'esta luta do boulangismo os partidários da monarquia queimaram o seu último cartucho!

#### BELLAS-ARTES. — TRIO CAMPESTRE. O DOMINGO A BORDO

Para adornar o presente numero da *Ilustração* escolhemos dois quadradinhos de gênero, de assunto inteiramente diverso um do outro, mas qual d'elles mais sympathico e de mais delicada execução.

O primeiro, *Trío campestre*, que traz a assinatura do sr. Debac-Ponsan, conjuntamente com a do illustre gravador Ch. Baude, é um verdadeiro idílio, — lindo quadro impregnado de poesia campestre, que se distingue não só pelo sentimento que presidiu à composição, como também pelas raras qualidades de execução que possue.

O segundo, *O domingo a bordo*, devido ao pincel do sr. Couturier e gravado pelo nosso collaborador o sr. Dochy, — representa uma scena da vida marítima, com toda a fidelidade e a singular impressão

que o artista pode receber contemplando a vida d'um grande navio de guerra.

Os marinheiros do sr. Couturier não são marinheiros de opera-comical! Sente-se que estamos a bordo, e que o artista conhece os seus personagens, as suas atitudes, os seus gestos, as suas physi- sionalidades.

Estes dois quadros estamos certos que hão de ser vistos com prazer pelos leitores da *Ilustração*, tanto mais que ambos trazem a consagração do júri do *Salon de Paris*.

#### OS MEZES ILLUSTRADOS. — OUTUBRO

O nosso collaborador artístico Hubert-Dix comiticia hoje a sua magnifica série dos mezes ilustrados, mostrando-nos *outubro* tal qual o sente a sua phantasia de artista do norte. E' mais uma pagina impregnada de muita poesia, e feita para encher um grande prazer à vista.

#### AS INUNDACOES EM PRAGA

Só se houve follar em cyclones, em tempestades e em inundações no centro e no norte da Europa.

Na Bohemia, na Austria e na Hungria as inundações tem sido terríveis. No dia 8 de setembro toda a cidade de Praga esteve dehido a d'água. 45000 habitantes foram victimas das cheias. Deinde trinava o canhão para que os habitantes estivessem alerta, e anunciar-lhes que o perigo augmentava de hora para hora.

O arco do meio da famosa ponte de pedra *Karlsbrücke* foi arrancado e levado com a violencia das aguas.

Esta ponte, um dos monumentos mais célebres da Austria, compõe-se de dezenas arcos e arrancaça o Rio sobre uma largura de cerca de quinhentos metros. Foi construída por ordem do imperador Carlos IV, rei da Bohemia. Trinta estatuas de santos, collocadas sobre capelinhas que lhes servem de pedestais, erguem-se em cada pilar. Vê-se ali a estatua de São João Nepomuceno e uma placa de marmore no lugar donde foi precipitado no Moldau, em 16 de maio de 1383.

João Nepomuceno nasceu em 1330. Desde a infancia que se distinguiu pela sua piedade e virtudes. Tendo abraçado o sacerdócio, foi chamado para a corte pelo imperador Wenceslau, sendo escrivido confessor da imperatriz. Esta princesa tendo sido caluniada, Wenceslau resolvêe esclarecer horríveis suspeitas, e exigiu que Nepomuceno lhe revelasse a confissão da soberana.

Perante recusa formal do digno padre, o imperador ordenou o supplicio.

A nossa gravura representa a famosa ponte de Praga, em seguida as inundações do mezo findo.



#### HISTORIA — IMMORAL

##### PREFACIO DO AUTOR.

**T**ODO o homem tem momentos de fraquezas.

Li ha alguns annos um romance no qual os seis peccados capitais triunfaram em toda a linha; a obra fez furor e as edições sucederam-se. Senti em mim qualquer coisa de parecido com a inveja e disse commigo: « Pois também eu escreverei uma obra immoral, e terei um successo. »

Depois de ter procurado, depois de ter esquadrinhado bem tudo o que de mais sujo havia em mim, encontrei a historia que se segue.

Se elia não for ainda bastante immoral, que o leitor me desculpe; para a outra vez será peor.

*H. de B.*

— Vamos, conte-me a sua vida, sr. Luciano! dizia Herminia; quero conhecer a sua existencia hora por hora. Que fez esta manhã

até ao almoço? e depois? e à noite? e sempre?

— Pensci em si, Herminia; na sua beleza, na sua graça, nos seus cabellos d'ouro, na sua cintura delicada, nos seus olhos meigos e bri- lhantes, minha bella noiva!

— Não se trata dos meus olhos, nem da minha cintura, nem dos meus cabellos; é muito poetic, sr. Luciano, muito artista... muito pintor. Pergunto-lhe apenas muito burguezemente o que simogou hoje; bem vê que sou prosaica!

— Eu sei! minha bella Herminia! Reparo lá para isso! Almoçei no restaurante do costume e não pareci para o que me serviram.

— E' muito indiferente para comigo mesmo, meu amigo; felizmente para a sua saúde, eu não serei assim; e logo que estivermos casados...

— Faltam apenas oito dias, disse o mancebo, mas parece-me que faltam oito annos!

— Sente isso pelo seu estomago, não é verdade? disse Herminia rindo.

Luciano aproveitou esta occasião para tocar, com a ponta dos dedos, nos dedos brancos e afilados da sua noiva.

Herminia era uma rapariga esbelta, flexivel, elegante e simples; tinha a fronte larga e esclarecida por dois olhos cheios d'um encanto suave, que davam à sua cabeça aliva um aspecto leonino.

Luciano tinha uma physionomia franca e aberta: alto e forte, os seus movimentos traíam, contudo, uma nobreza notável, que não era desmentida pelo seu sorriso constantemente terno e pela sua voz um pouco monotonâ.

Luciano Garnier partira muito novo para a escola francesa em Roma, e voltara poucos annos depois com o talento desenvolvido e com o carácter um pouco amollecido pelo costumes italiani.

Ao voltar da Italia fôra viver para casa d'uma prima, a senhora Delville; dois ou trez mezes depois, esta senhora apresentou a Luciano sua filha unica, Herminia, que saia do convento em que fôra educada. Luciano ficou maravilhado, à primeira vista, com a beleza de sua prima, e começoou desde logo a amá-la com esse amor d'artista, amor nobre, isento, sem dúvida, de todos os cálculos vis; mas não bastante serio para ser d'ali para o futuro o único pensamento d'um homem, ou, por alguma fôrma, o selo eterno d'um destino.

Luciano pediu Herminia em casamento.

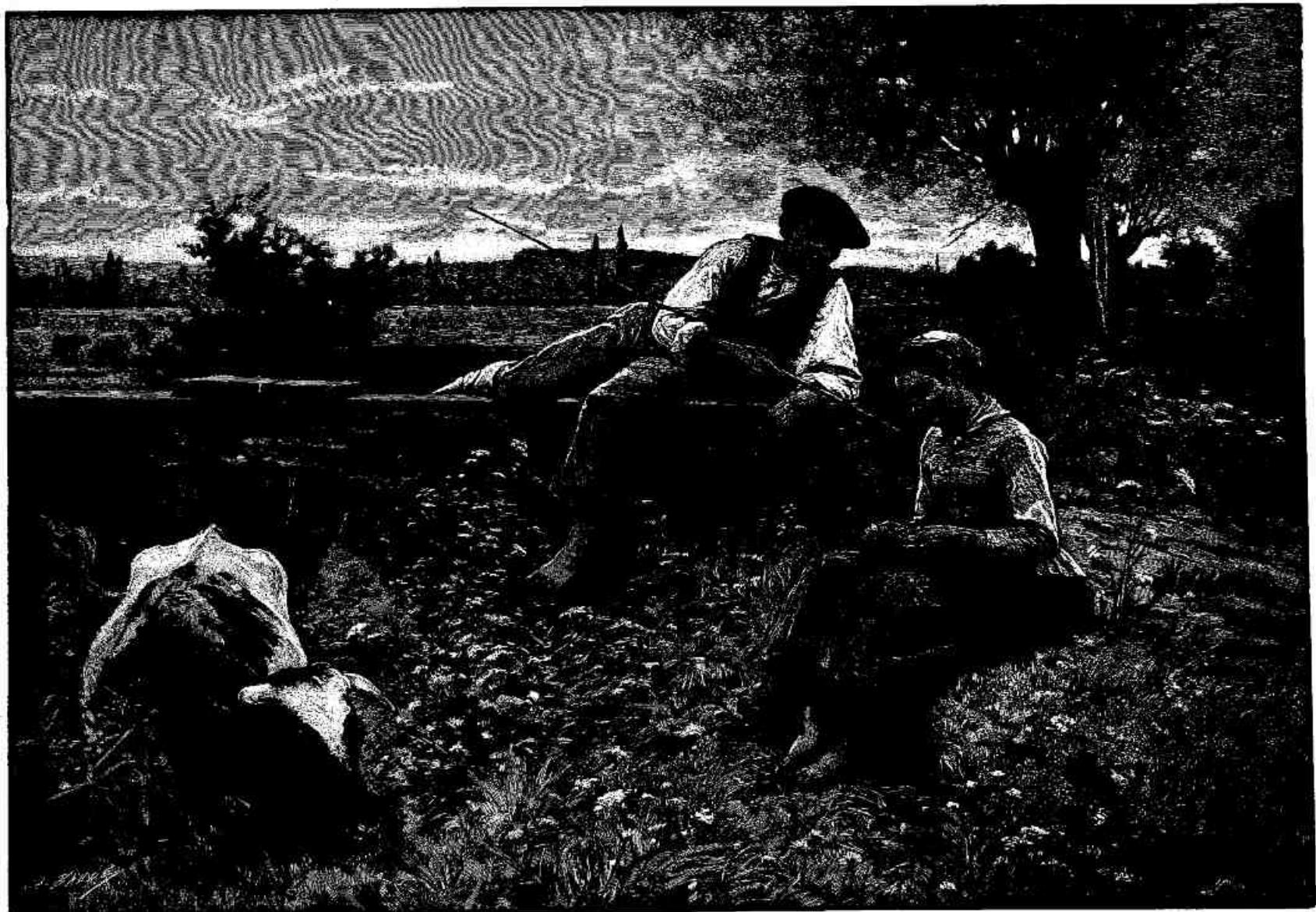
A senhora Delville aceitou a proposição do artista, deixando, contudo, a Herminia a liberdade de escolha; ella queria que mediasse um grande espaço de tempo entre o dia do pedido e o dia do casamento, a fim de que os dois jovens podessem conhecer-se bem e ver claro nos seus próprios corações.

Herminia, ainda que muito nova, tinha no espírito uma tal faculdade de intuição, um furo, por assim dizer, que conheceu num instante o carácter de seu primo. Ela comprehendeu que Luciano a amava principalmente pela sua beleza, e esta comprehensão feriu-a no mais delicado da sua alma. Depois, convivendo mais com seu primo, sentiu nascer por ele, no coração, essa doce aféição, essa santa ternura que só almas nobres sentem pelo que é bello e fraco.

As mulheres — e é isto a sua gloria humilde e sagrada — tem muitas vezes d'esses movimentos, d'essas evoluções de pensamento que fazem d'ellas o ser superior e sublime, de que o homem raramente conhece a grandeza oculta, apesar de estar subjugado pelo seu poder.

Passou-se, pois, no coração de Herminia um d'esses dramas soberbos, que ainda não encontraram o seu Shakespeare, um drama cheio de sentimentos contraditórios, de peripécias tão comovedoras como as quedas dos reis; uma scena tanto mais tumultuosa, quanto era acañhado o espaço em que se representava; um mundo no coração d'uma creança!

— Se uma outra mulher, pensou Herminia,



BELLAS-ARTES. — *Trio Campestre.* — Quadro de Ponsan. Gravura de Ch. Baude.



AS GRANDES MANOBRA DO EXERCITO FRANCEZ. — Arapic: d'uma bateria por caçadores a cavalo.

fôr amada por Luciano, unicamente pela sua beleza, elle deixar-se-há irreflecitamente atrair por ella; não examinará nem o carácter, nem os sentimentos, nem a inteligência do seu ídolo, e cahirá, talvez, sob o jugo d'uma mulher sem coração nem espírito. Se tal suceder, estará perdido; se, porém, ao contrario, elle encontrar uma alma devotada que lhe dê todos os seus pensamentos e lhe sacrifique completamente a sua existência, essa mulher sofrerá na luta contra a inconstância de Luciano, mas salval-o-há. — Pois bem, eu o salvarei!

Devemos ajuntar, ainda que isso tire alguma gloria à nossa heroína, e para a reduzir a proporções mais humanas, que Luciano tinha o carácter alegre, o espírito fino, e, enfim, visto que estamos decididos diminuir o mérito de Herminia, uma alma nobre e inteligente.

Assim, pois, a prova julgada necessária pela senhora Delville, não fez mais do que fortificar no coração de Herminia a resolução piedosa que tomara e a dedicação oculta, tanto mais sobre quanto reflectida fôr.

## II

O tempo de prova imposta aos dois jovens terminou enfim. Herminia e Luciano casaram, mas, como verdadeiros poetas que eram, um pelo pensamento e a outra pelo coração, quizeram casar-se longe de Paris, longe de olhares curiosos e escarnecedores. A senhora Delville tinha um velho tio, prior d'uma freguesia em Bourgogne, villa edificada no acaso entre uma floresta, uma montanha e um rio. O bom padre cedeu aos noivos, depois de lhes ter dado, em nome do Deus do amor, a bênção nupcial, a sua modesta casa, o seu verdejante jardim, os seus pomos, que visavam das janellas para a torre da egreja, e sobretudo a doce paz da sua alma, que se espalhava por tudo que o rodeava: paisagens e corações.

Durante o mês que passaram na villa, os dois jovens apenas pensaram em amar-se, juntando as vozes da natureza, aos canários das aves, aos murmúrios do vento agitando os salgueiros, aos deslocamentos da terra aberta pelos arados, sob os raios dourados da aurora, a casta harmonia dos seus pensamentos, a divina música das suas almas absortas nas primeiras alegrias gosadas.

E, comodo, era necessário partir, voltar à vida real, às ocupações pouco ideais, ao trabalho, a Paris, enfim!

Paris! a cidade dos que luctam, dos que procuram, dos que esperam, dos que se lamentam, mas não a cidade dos que se amam!

Quando se volta do campo, guardando ainda no peito e na memória o perfume das vastas planícies e o odor das giestas, e se sentem repentinamente as fetidas emanações das ruas da grande cidade, apossa-se de nós um mau estar inexprimível; olhamo-nos com uma involuntária tristeza, e dizemos, por mais esforços que façamos para nos fingirmos satisfeitos: « Sere-mos aqui tão felizes como fomos lá? »

Foi por isso que Herminia entrou triste em Paris com Luciano, e interrogava com uma espécie de angústia os olhares de seu marido, ainda mais pensativo do que ella.

## III

Luciano achou, nas proximidades da rua de Vaugirard, uma encantadora casa, com pátio e jardim, que felizmente, se parecia pouco com essas construções modernas, deante das quais os parias se extasiavam, e cujos inquilinos pagam em elegância o que lhes faltava em ar, em espaço e em luz. O novo casal instalou-se n'essa casa, reservando um pavilhão para se entregar às suas muitas carícias; o atelier de Luciano era n'uma parte independente da casa, para que Herminia não estivesse em contacto com as pessoas, muitas vezes duidosas, que frequentam os ateliers dos artistas.

Esta nova existência, esta dupla vida de trabalho e afecção, foi também, apesar de tudo, muito agradável a Luciano e a Herminia.

Nas horas em que nenhum indiscreto interrompia o recolhimento do artista, e quando este corria pela tela os seus pincéis inspirados, Herminia chegava, graciosa e ligeira, e assentava-se no lado do cavalete, seguindo com o olhar atento e sorridente o progresso do trabalho de seu marido; e elle, encantado com a presença de sua mulher, abandonava por vezes a sua obra para a contemplar com uma admiração muda; dir-se-hia que a vista d'aqueila encantadora criatura lhe dava inspiração e forças novas.

Oh! como é bello viver a sós, fôr do bueio do mundo, e dizer: « Como elles são loucos! » E bello, é, mas uma tal vida não pôde durar, porque o mundo é como todos os abysmos: pavoroso, terrível, vertiginoso, sombrio, e é por isso que elle atrae!

Como e porque é que se entra en tal turbilhão? Não se sabe, mas a verdade é que se entra; um amigo que se encontra, um acaso de vizinhança, um acidente, um protector que se necessaria ver, um obsequio a prestar, e mil outras pequeninas coisas, enfim; a onda arrasta-nos insensivelmente primeiro, e arremete-nos depois para a espanhola voragem em que desaparecem milhares de vidas sem macula!

## IV

O nome de Luciano começava a ser conhecido. Os seus quadros eram procurados pelos amadores, e até os próprios negociantes o traçavam com uma polidez sempre crescente. Luciano e Herminia não ficaram, pois, admirados de ver entrar um dia no atelier um homem de meia idade, falando o francês com um leve acento germânico, e que se anunciou com o título de príncipe Paulo de P...

O príncipe dava o brago a uma senhora cida da nova.

Herminia, vendo a companheira do príncipe, estremeceu e corou, apesar dos esforços que fiz para a dominar. Que razão haveria para aquelle sobresalto injustificado?

— Senhor Garnier, disse o príncipe, eu vi em casa da senhora condessa de Galigai, que quiz, de resto, fazer-me honra de acompanhá-me...

A condessa inclinou-se sorrindo.

— Eu vi, continuou o príncipe, um quadro encantador assignado pelo seu nome, e isto fez com que sentisse o mais vivo desejo de possuir uma obra sua. Desci apenas que o quadro que queria encomendar-lhe figura na exposição de Belas-Artes do anno próximo, e que tinha por assumpto o *Genio do Bem e o Genio do Mal*; é uma idéa um pouco... alemã, talvez, mas eu para alguma coisa hei de ser alemão. No preço do quadro não falemos; eu não sou negociante e não quero mesmo saber quanto hei de gastar; n'esse ponto o meu intendente cumprirá as suas ordens.

Luciano inclinou-se, agradecendo.

— Esta então combinado, acrescentou o príncipe, dentro d'um anno terrei o meu quadro.

E estendeu a mão ao artista, com essa lhança cheia de corteza, de que os nobres d'ouro tinham o segredo, a pouco e pouco reduziu, e que tão bem se tem escondido nos cofres-fortes que só por um acaso poderá sahir d'elles.

O príncipe ia a sahir do atelier quando a condessa Galigai abandonou o braço do seu companheiro e avançou resolutamente para Luciano. Era uma mulher alta, morena, pallida, meiga e ativa ao mesmo tempo; a fronte proeminente era como que coroada por um enlaçamento de cabellos negros, espessos, um pouco incultos mesmo; os olhos pretos tinham uma incomparável expressão de meiguice e ao mesmo tempo, uma vivacidade pouco vulgar. Um vestido de veludo de cér, viva moldava-lhe o busto de formas vigorosas, nervos d'água, musculos fortes, indicando uma agilidade e uma força de panthera.

— Senhor Garnier, disse ella com voz breve,

sacudida, metálica, e, entretanto, unctuosa, senhor Garnier, acha-me formosa?

A esta pergunta imprevista Luciano balbuciou uma resposta um pouco embragada, da qual se destacou a palavra « admiravelmente. »

— Mas, repetiu a condessa, acha-me bella como homem ou como pintor?

— Como homem e como pintor!

— Como pintor... sobretudo?

— Pois bem... é verdade, sobretudo como pintor.

— Então tanto melhor! disse alegremente a condessa de Galigai; far-me-há o retrato; um pintor que acha bello o seu modelo faz sempre uma bela obra. Fará, pois, o meu retrato... se isso lhe não desagrada. A principiar d'amanhã teremos todos os dias uma sessão em minha casa, rua de S. Florentino, 10. Chamo-me a condessa de Galigai, como o príncipe Paulo lhe disse, mas tanto os meus inimigos como os meus amigos chamam-me a condessa *Nenhuma-parte*. Depois, sem dúvida, lhe explicarão isso. Adeus, senhor Garnier. Venha, príncipe.

## V

No dia seguinte Luciano disse a sua mulher que ia a casa da condessa.

— Vae, meu amigo, respondeu Herminia; quanto mais cedo começares tanto mais depressa acabarás esse retrato.

E não disse mais uma palavra, não fez a menor observação, nem uma unica recomendação; sorriu a Luciano com o seu melhor sorriso; dir-se-hia querer envolver-o n'uma égide invisível no olhar casto e terno que lhe lançou.

Luciano chegou a casa da condessa e foi introduzido n'um gabinete cheio dos riquíssimos bálsamos d'um luxo sumptuoso.

Que o leitor não supponha que vamos escrever, como milhares d'outras, a história d'uma d'essas ligações adulteras cuja narração é por si só um perigo.

Felizmente nem todos os homens resvalam depressa pelo declive dos amores banaes; a queda não é sempre tão rapida como se pensa; nós queremos apenas, d'esta vez, indicar aos requestadores um dos menores perigos que os esperam, fôr dos trilhos da honestidade severa, do trabalho obstinado, da dedicação e da lucia paciente e gloriosa.

A condessa de Galigai era uma d'essas mulheres que pertencem a uma classe particular, íamos até dizer nova; não havia na sua vida a menor desordem vergonhosa, — não havia orden, eis tudo; tivera um marido, verdadeiro marido e verdadeiro conde italiano, que, com tudo, nenhum dos amigos da condessa conhecia. Quando lhe perguntavam, nos primeiros tempos da sua estada em França, « Onde está seu marido? » ella respondia na sua quasi completa ignorância da língua: « Meu marido... está em qualquer parte. » Desde então chamaram à condessa de Galigai a condessa *Qualquer parte*. Um bello dia o marido morreu, e, ao que parece, ella não sentiu muito a sua morte, porque a primeira vez que lhe perguntaram, depois do falecimento: « Onde está seu marido? » ella ia responder: « Está em qualquer parte e mas interrompeu-se logo e acrescentou: « Não está em nenhuma parte. »

Depois d'isso passaram a chamar-lhe a condessa *Nenhuma parte*.

De resto, era a mais honesta doida que se pode imaginar. Detestava a convivência com as mulheres, das quais fugia com obstinação; mas os homens que a rodeavam sabiam bem que todas as cadeias lhe eram odiosas e insuportáveis; sobre esse ponto a condessa tinha opiniões bem assentes. Havia um verdadeiro contraste entre a impudicência dos seus hábitos, a liberdade da sua linguagem e a pureza dos seus costumes; reunira em volta d'ella uma multidão de homens distintos, — artistas, poetas, diplomatas, políticos, — que eram seus amigos, seus camaradas, mas, como ella dizia: « Nada mais! »

Em sua casa portava-se por tal fórmula com toda essa brillante pleia, que as pessoas não iniciadas nos seus costumes austeros teriam classificado severamente, talvez, o seu procedimento.

## VI

Foi n'esta sociedade que Luciano entrou.

Com a mobilidade do seu espírito, com a necessidade de impressões novas que sentia em si, Luciano deixou-se arrebatá-lo bem depressa pelo turbilhão da vida ruidosa em que a condessa o introduzira: corridas, passeios, viagens, cenas, espectáculos, concertos, todos os divertimentos de uma vida faustosa Luciano frequentou; foi uma existência violenta, uma vertigem, uma febre de prazer, o esquecimento completo de trabalho e do dever, a incoherência em tudo, a desordem moral, enfim.

O pintor não entrou durante muitos meses no seu atelier; chegava à noite a casa, pallido, cansado, e explicava a sua ausência a Herminia com rasões que inventava na ocasião.

Herminia escutava gravemente seu marido, sem se lamentar, com um sorriso maternal, algumas vezes doloroso, mas sempre indulgente.

Uma noite, esse sorriso leve qualquer coi-a de alegria, mas Luciano não reparou.

## VII

Este gênero de vida durou cinco ou seis meses.

Um dia a condessa teve uma idéa.

— Escuta, meu caro amigo, disse ella a Luciano, escuta...

Abramos um parenthesis para prevenir o leitor de que a condessa tratava por tu todos os seus amigos, e queria que elas lhe dessem igual tratamento.

— Escuta, disse ella a Luciano, tive uma idéa. Eu apenas sei rir, cantar e montar a cavalo, o que quer dizer que o meu futuro não é desasombroado. Posso ter necessidade de trabalhar para viver; quero, pois, aprender qualquer coisa, uma arte, seja o que for! A pintura, por exemplo... Bem vés que a idéa é boa! Tu serás o meu mestre; iremos todos os dias ao teu atelier. Estás decidido, são apenas duas horas; partamos para o teu atelier.

E a formosa italiana bateu os pés com impaciencia.

— Vamos, meu amigo, partamos!

— Como quizeres, respondeu o piuto, costumado aos caprichos subitos da sua compa-nheira.

E partiram.

O atelier estava deserto; de resto, nada mudado; as estatuas, os modelos em gesso, as armas, os cachimbos turcos, tudo estava no seu lugar; a grande cortina verde devia ainda o atelier em duas partes iguais, uma destinada à conversação, e a outra ao trabalho. Pod a dizer-se, pois, que n'uma só casa havia um atelier e um salão. Foi n'este salão que Luciano e a condessa entraram, sentando-se n'um divã.

## VIII

— Ah! meu caro amigo, eis aqui o logar em que te vi pela primeira vez, disse a condessa, clamando um pouco; quem me diria então...

— Louca!

— Como estás sombrio, mio caro! O que tens hoje?

— Nada.

— Não!... tu tens alguma coisa... Chega-to para ao pé de mim, e conta-me as tuas penas.

— Afianço-te que não tenho nada. Comecemos a lição de pintura.

— D'aqui a um instante. O teu atelier fez-me pensar n'uma coisa... Quem era uma mulher loura que estava aqui quando eu cá vim com o príncipe Paulo, na véspera da sua partida para Berlim? Era bem gentil, se não me engano.

— Era minha mulher.

— O quê! pois tu és casado, pôrero! Mas o casamento aniquila o genio, não é verdade? Luciano não respondeu e franziu ligeiramente as sobrancelhas.

— O que te dizia eu? Começa a enrugarte a fronte! Que qualidade de mulher é a tua esposa, meu amigo? Uma Cendrillon, uma fada burguesa, uma alma sem ideal, um espírito sem iniciativa?

Luciano tove a fraqueza de não protestar contra a inconveniência destas palavras; de resto, a sua atenção estava voltada para um outro objecto; sobre um cavalete estava o esboço, feito por elle, do quadro que lhe encomendara o príncipe Paulo, quadro que Luciano, na vida agitada que levava, esqueceu completamente.

— Ah! meu Deus! disse elle; e que me do quadro, e era até amanhã, o mais tardar, que o devia apresentar ao jury!

— Apresenta-o-has para o anno que vem.

— Mas, a minha promessa ao príncipe...

— Renova-o-has.

— Mas, enfim, o preço do quadro...

— Oh! disse a italiana, eis-te digno de tua mulher!

— Vê-se bem, condessa que tens trezentos mil francos de renda; eu, porém, não os tenho e necessito fazer o quadro.

— Já estás feito, meu amigo, disse a voz de Herminia.

E levantou a cortina que separava o salão do atelier, indicando com a outra mão um quadro colocado sobre um cavalete.

— E' isso mesmo, disse Luciano estupefacto; o genio do Bem e o genio do Mal! e está correcto, revela talento... Quem fez este quadro?

— Fui eu, meu amigo.

— Tu sabes pintar, Herminia?

— Aprendi alguma coisa no convento, e depois, como te vi trabalhar tantas vezes!... Mas chorei bastante, porque te parti muitos pin-céis... Perdoas-me?

— E' s' um anjo!

A condessa interrompeu os dois esposos, dizendo:

— Admirável! Mas este quadro... Reconheço-te n'elle... O genio do Bem e o genio do Mal representados allegoricamente por duas mulheres, comparecendo ante os seus juizes... Genio edade media! O genio do Mal sou eu; o genio do Bem é esta senhora... Oh! isto é demais!

— Herminia, perdoa-me, dizia entretanto, Luciano, cobrindo as mãos de sua mulher de beijos e de lágrimas.

— Oh! disse a italiana, com voz estridente, egloa! bucolica!

E dirigiu-s' para a porta. Antes, porém, de a transpor disse a Herminia:

— Senhora Garnier, se tratei seu marido por tu, é porque costume tratar assim todos os meus amigos.

— B m sei, senhora condessa, mas parece-me que esse costume é de mau gosto.

A condessa levantou altivamente a cabeça, mas reflectiu no mesmo instante, e disse a Herminia:

— Não falemos mais em tal. Adeus, sr. Garnier.

E saiu.

— Herminia! balbuciou Luciano, feliz e confuso, podes perdoar-me, porque sempre te amarei!

— Como d'antes?

— Mais ainda, porque d'antes, eu apenas amava a tua beleza, e agora amo a tua alma.

HENRIQUE DE BONNIE



## ATRAVEZ O INFINITO

**A** PONTA-E-ME, no céu esplendido d'esta noite pura e calma, um ponto qualquer em que a vista não descubra a menor estrela; onde o negro avelludado do espaço não seja picado de alguma palpitação luminosa; onde uma claridade, um atomo d'essa poeira d'iamantina que a mão do Semeador dos mundos parece ter lançado sobre a abobada do firmamento, não revele a presença d'um rudimento de astro, d'um embrião de sol.

Fixemos bem o conjunto d'esta nesga da imensidão, cujo contorno uma das vossas mãos circunscreve os limites; isolemo-nos idealmente por essa encruzilhada sombria, e, após o testemunho dos nossos olhos, suponhamo-o, verdadeiramente vacuo e deserto, em quanto que em torno d'elle brilham as constelações, os planetas, as estrelas fixas, as nobujosas, a via-lactea, todo o radioso *ensemble* do universo sideral.

Assentemos entretanto sobre esse ponto a luneta astronómica de alcance médio. Subitamente, o campo do telescópio povoar-se de sestelas; n'esse pedaço do céu, onde os olhos momentos antes nada apercebiam, accendem-se centenas de estrelas; umas, desmaiadas e incolores; outras, animadas de fogos vermelhos, azulados, botões de ouro, verde víçoso; é um deslumbramento, a magia. A impressão é tal, que desvia o olhar do objectivo que faz esse milagre, e a olha nu d'essa vez, tenta penetrar a profunda treva d'esse canininho do céu. Nada! não ha nada. Concentras no raio visual toda a pujança da penetração de que é capaz; sob o esforço da vontade, a vossa retina sente de certo modo decuplar o poder; mas é em vão. O voo não se rasga. E quando, duvidando ainda da realidade da entrevista, voltas ao telescópio, um novo celeste se abriu perante vossos olhos assombrados, e lá aparecem ainda legiões de estrelas e pleias de sôes; e este maravilhoso panorama desenrola-se sem tregua, lento, magnifico, incommensurável, infinito!

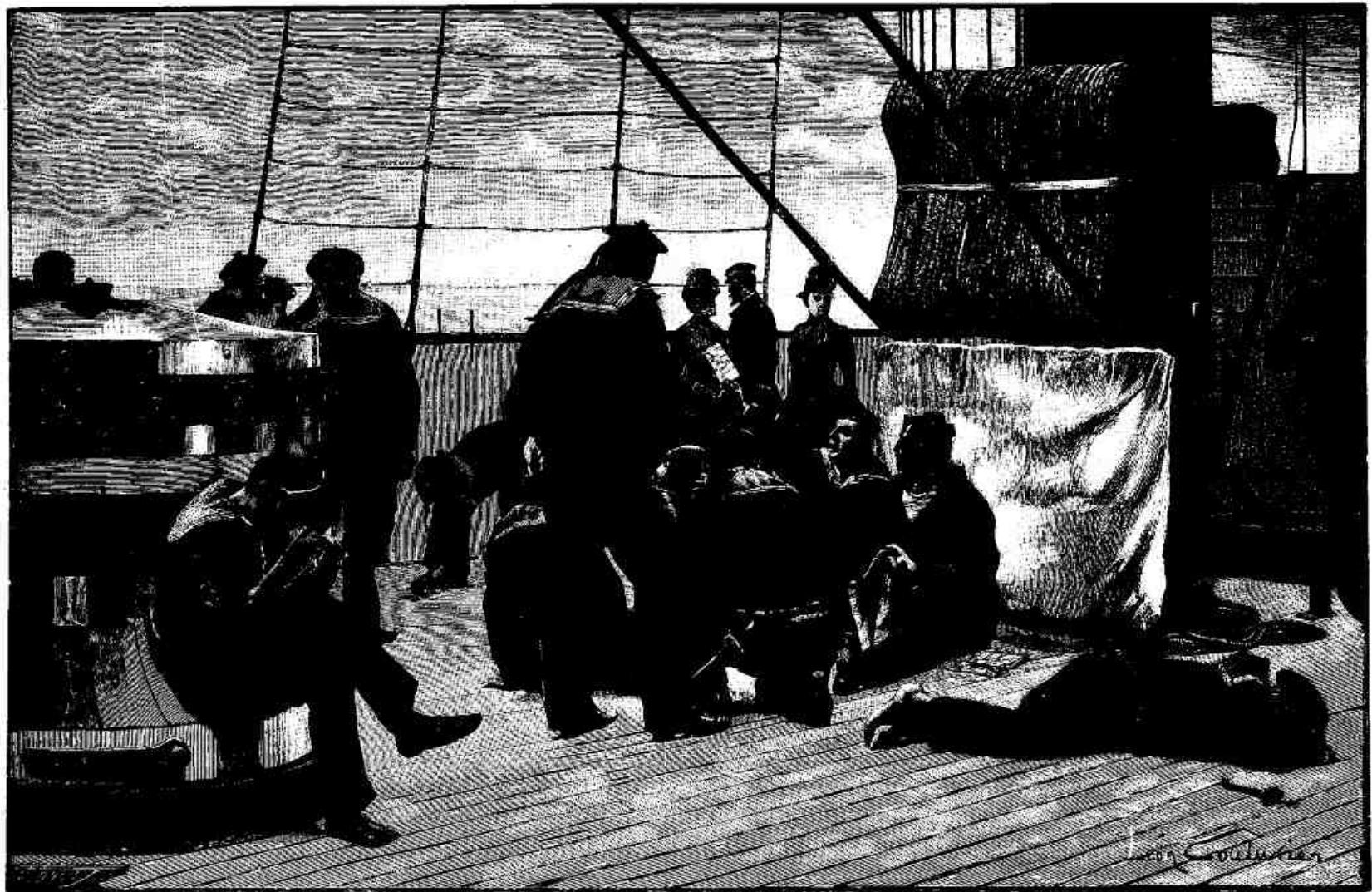
Continuado, tem-se tentado fixar o numero d'essas sestelas, d'esses pontos luminosos que são outros tantos mundos, cuja luz gasta séculos até chegar à terra, e cada um dos quais é sem dúvida, como o nosso sol, o centro d'um sistema. Estatísticas celestes tecem sido elaboradas, e por muito imperfeitos que sejam os actuais instrumentos, chega-se já a contar mais de *cem milhares* de estrelas.

Ao acaso, tomemos d'essas myriades de universos, invisíveis sem o auxilio do telescópio, dois astros que paregam gêmeos, pois que a distância que os separam é inapreciável para nossos sentidos. Parece que a espessura d'um cabelo mal poderia accommodar-se n'esse intervallo, entre esses dois longíquos hospedes de imensidão. Pois bem: milhares e milhares de milhões de leguas decorrem entre um e outro. No seio do abysmo que, aparentemente, um centesimo de milímetro parece acolchar, fluctuam, rolam, resplandecem mundos que nenhum telescópio jamais mostrará, e que talvez permanecerão eternamente desconhecidos, ignorados um para o outro! Mais além, o que há? Essas innumeraíveis creações marcam os confins do espaço? Existe um limite em que param essas sublimes prodigalidades? Pôde o espírito humano conceber, nos seus portentosos arrojos, nos seus prodigiosos arrebatamentos,

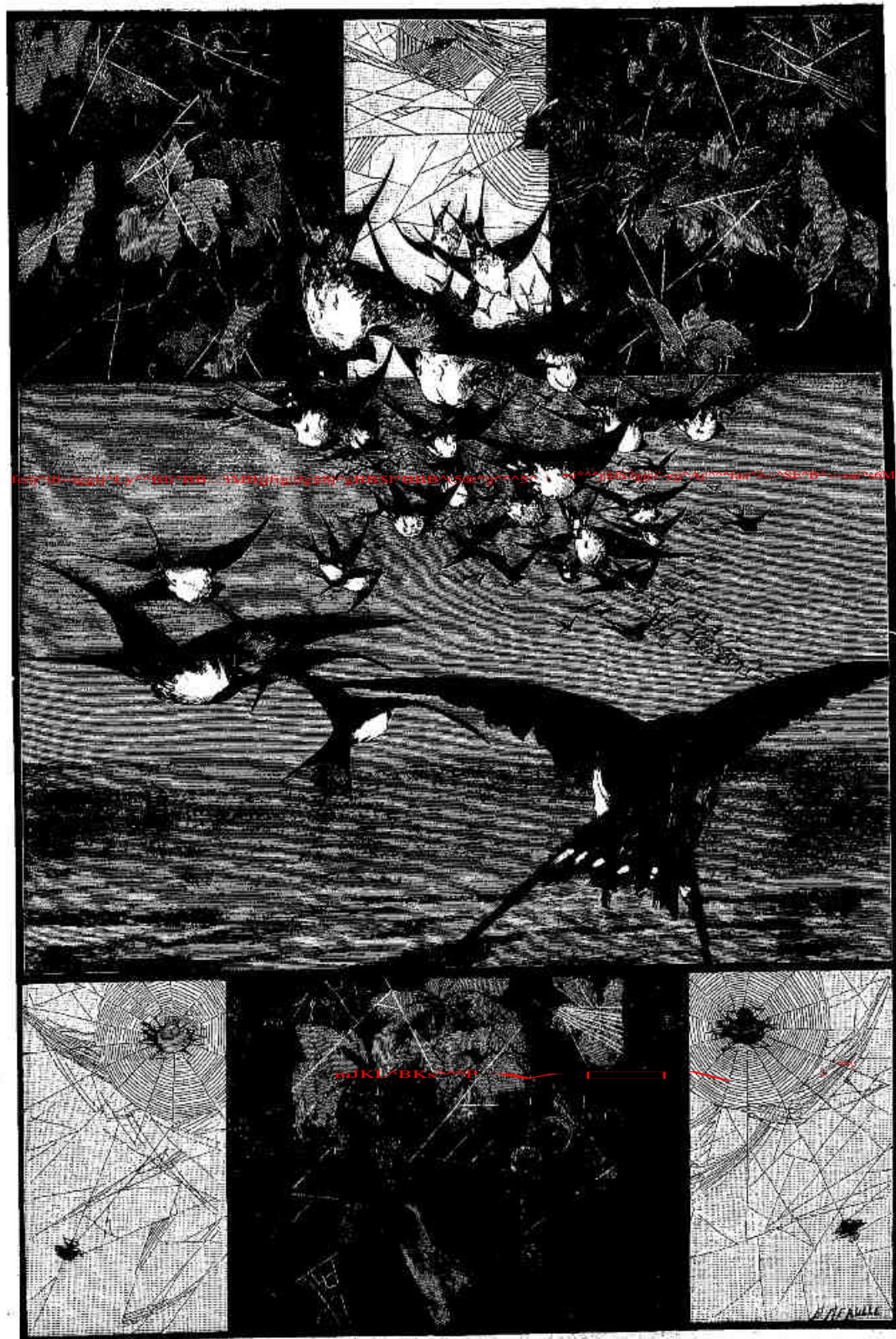
**TSARINE** PO DE ARROZ RUSSO

Adereçado, suculento, fritado, PREPARADO PÓ VERSATIL

25. Boul. des Italiens, PARIS



BELLAS ARTES. — O domingo a bordo. — Quadro de Couturier.



OS MESES ILLUSTRADOS. — Outubro.

Composição de Hubert Dys.



de agricultura, fornecendo indicações que parecem aproximar-se bastante da verdade.

Nos Estados Unidos, a média anual da produção das ceras foi a seguinte nos dois últimos períodos decenais:

De 1870 a 1880..... 680.833.000 hectolitros.  
De 1880 a 1887..... 982.554.000 —

O total para o anno 1888 é de 1.663.200.000 hectolitros debaixo do nome de ceras, é preciso compreender o trigo, o centeo, a aveia, a cevada, o milho e o trigo mourisco. As sementes figuram na produção dos Estados Unidos por proporções diferentes: o milho, representa os cinco oitavos dos 1.600 milhões d'hectolitros colhidos. O trigo caudal e a aveia formam a maior parte do restante; as colheitas reunidas de centeo, de cevada, e do trigo mourisco não correspondem a mais de 3 por cento da colheita total.

Estando dada a população actual dos Estados Unidos d'América, a produção total em ceras em 1888 elevou-se a 185,54 por habitante, exceden-

do do cerca a hectolitros sobre a produção do ultimo período decenal. As estatísticas mais autorizadas avaliam, a 2.500 milhões de hectolitros a produção media anual do globo em cerca (não contando o Irak e o milhete). A cifra se repartiria aproximadamente da maneira seguinte entre as nações importadoras e as raças exportadoras, ou países que, anno médio, não chega para a produção indígena a sua consumação, e aquelas que, ao contrário podem todos os annos vir em ajuda das regiões menos dotadas sobre o seu produto.

Na Europa dão-se as cifras seguintes:

Austria-Hungria.....	166,9	4,1
Italia.....	97,0	3,1
Espanha.....	90,0	"
Portugal.....	13,4	6,0
Grecia.....	4,4	0,1
Suisa.....	6,5	3,0
Bélgica.....	23,5	3,1
Países-Baixos.....	10,0	2,6

1.029,2 128,1

#### Países exportadores.

Rússia.....	587,5	45,0
Romania.....	30,3	8,0
Turquia.....	30,7	1,5
Suecia-Noruega.....	25,5	3,3
Dinamarca.....	8	4,0

683,0 61,8

Total geral..... 1.712,2

#### O PHOTOSPHÉRO

Breveté

S. G. D. G.



#### CIE FRANÇAISE DE PHOTOGRAPHIE

PARIS. — 7, rue Solferino. — PARIS.

**O PHOTOSPHÉRO.** — Este apparelho d'uma construção e d'uma forma absolutamente novas, da resultada d'uma perfeição absoluta. Tem um peso muito leve (350 gr.) e é todo construído de metal protegido e oxidadado. As provas obtidas são de dimensão de 8 cent. sobre 9. O apparelho está sempre pronto para funcionar. Não é preciso nem armá-lo, nem metê-lo em foco. Escoller o assunto na mira e carregar d'uma alavanca, e a operação está feita. Pode-se operar durante a marcha d'uma carruagem ou d'um caminho de ferro, ou quando se vai a cavalo. Mais de 1000000 já este apparelho.

Preço de Photosphéro com escala de círculos, mira e três chassis doubles, 113 francos.

Cada chassis suplementar, 10 francos.

Cada duzia de placas 8 x 9 1 fr. 75.

A **LAMPADA PHOTOSPHÉRA** é um pequeno apparelho por meio do qual se pode fazer a photographia instantânea na excursão, ou em qualquer sitio pr'vado de suficiente luz. Basta acender esta pequena lampada, apertar a borraça secamente, e produz-se um relâmpago tão vivo que a placa ficá impressãoada e produz um magnifico cliché. Preço da Lampada photosphéra contendo 30 cargas, 15 fr.

Cada potiche de 30 cargas, 4 francos.

A fotografia pelo PHOTOSPHÉRO, trabalho pratico de fotografia instantânea. 4 provas fora de texto. Mandar-se franco "entre 11.10 ou 11.11 de outubro ou dia 12".

#### ALAMPADA PHOTOSPHÉRA

Breveté

S. G. D. G.



#### BELLEZA DO ROSTO

LAT. ANTÉPHÉLICO

O LEITE ANTÉPHÉLICO

para os misturado com agua, dissipar

SARDAS, TEZ CRESTADA

PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS

ROSTO BARABULHENTO

E FARINACEO

RUGAS

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000 grs. 10 francos

Caro e conserva a cutis lisa e clara

Preço de 1000

